

O revisionismo histórico da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio: reprodução e disseminação

Fábio Ribeiro de Sousa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro - Brasil

fabio2101@bol.com.br

Resumo: A presente pesquisa pretende promover uma análise acerca do movimento historiográfico paraguaio sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) e sua estreita relação com o cinema do país. Desta forma, o foco para tal análise será o filme *Cerro Corá*, dirigido por Guillermo Vera, lançado em 1978, e financiado pelo regime ditatorial de Alfredo Stroessner. O *revisionismo histórico* paraguaio acerca do confronto promoveu um processo de reabilitação da figura do Marechal Solano López, transformando-o num grande líder anti-imperialista. Durante o regime ditatorial chefiado pelo General Alfredo Stroessner tal processo atingiu o seu auge, encontrando na produção cinematográfica *Cerro Corá* um grande propagador de seus ideais.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, cinema, revisionismo histórico.

Introdução

A Guerra do Paraguai¹ (1864-1870) foi o maior confronto armado da América do Sul. Suas consequências foram enormes para todos os países envolvidos. Tão intenso quanto o confronto nos campos de batalha, foram os debates historiográficos já produzidos acerca do tema.

Entretanto, não foi só nas páginas impressas que o tema suscitou discussões, a Guerra do Paraguai também foi o assunto principal de importantes produções cinematográficas realizadas por países que participaram do confronto. Dentre eles, destacamos: *Alma do Brasil* (Dir. Líbero Luxardo, 1932, Brasil) e *Argentino*

¹ Também conhecida como *Guerra da Tríplice Aliança*, *Guerra Grande* e *Maldita Guerra*, esteve no cerne dos processos de formação das identidades nacionais de Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Desde meados do século XIX, estes países estavam envolvidos em pequenas disputas diplomáticas e territoriais. Em dezembro de 1864, em represália à intervenção brasileira no Uruguai – que vivia sob uma guerra civil – o Paraguai apreende o vapor brasileiro Marquês de Olinda, que navegava em direção à Mato Grosso, dando início ao confronto. Em maio de 1865, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, formalizando a coalizão contra o Paraguai. Em 1870, após mais de cinco anos de confronto, as tropas aliadas, comandadas pelo Conde d' Eu, cercam Solano López, que é morto, na batalha de Cerro Corá. Este fato consagra a vitória da Tríplice Aliança, e, por conseguinte, marca o fim da Guerra do Paraguai.

Hasta La Muerte (Dir. Fernando Ayala, 1971, Argentina). Uma tônica geral destas produções foi exaltar determinados personagens, elevando-os a um nível heroico e de mitificação.

Nesta perspectiva, o filme paraguaio *Cerro Corá* (Dir. Guillermo Vera, 1978), assume um papel de destaque. Financiado pelo regime ditatorial de Alfredo Stroessner (1912-2006), esta produção cinematográfica ajudou a reproduzir e disseminar um movimento historiográfico que ganhava força desde fins do século XIX, mas que alcançou o seu auge durante o regime stronista² (1954-1989).

Cerro Corá enquadra-se no que o historiador Robert Rosenstone considera um filme histórico, ou seja, é um filme que “tenta recriar, conscientemente, o passado” (ROSENSTONE, 2010, p. 15). Recriar o passado, apresentando um dos acontecimentos mais marcantes da história paraguaia, é o ponto principal de *Cerro Corá*.

O uso político do passado histórico, promovido por Alfredo Stroessner, encontra em *Cerro Corá* um ponto chave. A exaltação de Solano López (1827-1870) – presidente paraguaio entre 1862 e 1870 – como um líder anti-imperialista, um homem que foi obrigado, pela covardia dos países aliados³, a entrar na guerra, é um grande marco do filme, ajudando a reproduzir e disseminar a *corrente historiográfica revisionista* paraguaia, que será apresentada adiante. Além disso, *Cerro Corá* foi o primeiro filme da história do cinema paraguaio a ser produzido totalmente no país, com diretor – Guillermo Vera – e atores – Roberto de Felice, Rosa Ros e Pedro Ignacio Aceval – paraguaios.

Cerro Corá foi o primeiro longa-metragem de ficção dirigido por Guillermo Vera, que mais tarde iria participar da produção binacional *A cafetina de meninas virgens* (1981)⁴, junto com o Brasil. O diretor também se destaca como o autor de uma série de filmes sobre o Paraguai, produzidos para a televisão. Durante a década de 1970, Vera, que havia estudado durante alguns anos na Espanha, tornou-se um diretor de ponta no Paraguai, dirigindo *Paraguay, tierra de progreso* (1970), *Crisol de gloria* (1971) e *La*

² Em 1954, o general de divisão Alfredo Stroessner gestou um golpe ao lado de Mendez Fleitas, que havia sido afastado do governo com a ascensão de Federico Chávez. O plano foi executado com sucesso, e, rapidamente, Stroessner afastou seu antigo aliado, Mendez, do poder, iniciando assim um governo onde a perseguição aos opositores e a exaltação da figura do líder alcançaram um patamar extremo.

³ Este termo se refere aos países que formavam a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai).

⁴ Este filme foi filmado no Paraguai, onde recebeu o nome de “Kapanga”.

voluntad de un Pueblo (1973). Entretanto, nenhuma destas produções⁵ alcançou o sucesso de *Cerro Corá*, filme que se tornou um símbolo para o país, e que, até os dias atuais, é considerada uma obra canônica.

Solano López, de perverso e tirano – apresentado pela *historiografía tradicional* – transformou-se num herói – consagrado pela *corrente revisionista* da história daquele país. Sua figura passou a representar o ideal de homem paraguaio: guerreiro e nacionalista. Como será visto, foi durante o governo ditatorial de Alfredo Stroessner que a exaltação de Solano López alcançou seu ponto máximo, encontrando em *Cerro Corá* um grande disseminador dessa imagem positiva. Como também será visto adiante, o filme irá retratar três importantes batalhas da guerra: a de Curupaiti (1866), a de Piribebui (1869) e a de Cerro Corá (1870), batalha esta marcada pela morte de Solano López, e que dará nome à produção cinematográfica.

As correntes historiográficas da Guerra do Paraguai: um breve resumo

Apesar deste trabalho não ter como foco as discussões acerca das produções bibliográficas que tiveram a Guerra do Paraguai como um tema principal, é de fundamental importância que seja feito um pequeno resumo acerca das principais correntes historiográficas que tratam do confronto. Tal ação visa orientar o leitor, ressaltando o quão polêmico e conflituoso têm sido este debate.

Ao longo dos anos, desde o término do conflito, diversas interpretações acerca dos acontecimentos que envolveram o confronto foram formuladas. Estas interpretações seguiram os acontecimentos que marcavam a geopolítica dos períodos em que foram produzidas. Apesar da Guerra do Paraguai ser um episódio único na história da América do Sul e de ter influenciado, mesmo após o seu término, a organização social, política, econômica e cultural dos países envolvidos, este tema ainda é pouco trabalhado nos meios acadêmicos⁶, o que favorece a divulgação de dados questionáveis, propostos pelas correntes *tradicionais* e *revisionistas*. Não cabe aqui rechaçar todas as ideias destas correntes, até porque, elas também foram capazes de

⁵ A atual pesquisa ainda vem procurando perceber as relações entre a realização dos demais filmes de Guillermo Vera e a ditadura de Alfredo Stroessner. Até agora, não há nada que comprove o apoio governamental às suas obras, com a exceção de “Cerro Corá” (1978).

⁶ Inclusive no Paraguai, onde por muito tempo, segundo Francisco Doratioto (2002), Alfredo Stroessner prendeu e exilou quem ousasse discordar da exaltação acerca da figura de Solano López, reprimindo, desta forma, a produção de trabalhos que pudessem contribuir para um debate mais aberto sobre o tema.

levantar importantes discussões sobre a guerra. Porém, pecaram ao analisar o conflito de modo bastante parcial, muitas vezes não aprofundando suas questões com base em documentos primários.

O que deve ser levado em conta, e o historiador brasileiro Francisco Doratioto (2002) alerta muito bem, é justamente o contexto no qual essas correntes foram produzidas. Ao término do conflito, o clima de nacionalismo ocasionado pela vitória e o clima intenso que pairava sobre o Império, promovido pela nova dinâmica que a guerra havia inserido no país⁷, estimulou a exaltação das ações militares brasileiras. Ainda em fins do século XIX, os intelectuais positivistas passaram a criticar as causas da guerra buscando atingir a imagem da monarquia. O mesmo aconteceu quando os autores *revisionistas* – influenciados pelo marxismo – teceram fortes críticas aos chefes militares e suas atuações no conflito, justamente no período em que os países do Cone Sul sofriam com as ditaduras comandadas por militares. Como será visto adiante, este *movimento revisionista* possuiu, no Paraguai, um ponto de diferenciação em relação ao produzido em outros países, como o Brasil e a Argentina.

Existem três correntes historiográficas principais que explicam e analisam a Guerra do Paraguai. *A versão oficial/tradicional*⁸ começou a ser produzida logo nos primeiros anos após o término do conflito e contou com relatos de pessoas que estiveram no conflito e o anotaram em seus diários. Por sua vez, *a versão revisionista*⁹ ganha força principalmente na década de 1960, e apesar de suas explicações repletas de fortes juízos de valor, conseguiu se espalhar com muita força pela América do Sul, e até hoje tem influenciado no modo como a guerra é vista. *A nova história/neo-revisionismo*¹⁰ vem ajudando, através de estudos pautados em documentos primários, e com a aplicação de um grande rigor metodológico, na quebra de paradigmas estabelecidos pelas versões anteriores.

A versão tradicional confere às ações de Solano López – presidente paraguaio entre 1862 e 1870 – a culpa da eclosão do conflito. Ele é o grande vilão da América do Sul, um tirano, que visava expandir o seu território e dominar a região. Segundo Ricardo Salles:

⁷A Guerra do Paraguai agitou a capital do Império brasileiro com o constante embarque e desembarque de tropas aos campos de batalha e com as notícias que vinham de lá.

⁸ Destaque para autores como Dionísio Cerqueira e Visconde de Taunay.

⁹ Destaque para autores como Júlio José Chiavenatto, León Pomer e Eduardo Galeano.

¹⁰ Destaque para autores como Francisco Doratioto, Ricardo Salles e Vitor Izecksohn.

De acordo com a *versão tradicional* do conflito, este foi basicamente decorrente da agressividade de Francisco Solano López, que tinha pretensões expansionistas e hegemônicas na região platina. As razões para essa pretensão não são muito bem explicadas, ficando por conta da vaidade pessoal e da megalomania do governante paraguaio (SALLES, 1990, p. 16).

Os autores desta versão, em sua maioria, são participantes da guerra. Pessoas que passaram a escrever sobre ela com base nos escritos de seus diários. Além de pecar por explicar o início do confronto como uma decorrência direta dos ideais tirânicos e agressivos de Solano López, omitindo importantes acontecimentos que influenciaram no conflito – tais como as disputas territoriais e o contexto de formação dos Estados nacionais dos países do Cone-Sul – a *versão tradicional* não poupou elogios às atuações dos chefes militares aliados, principalmente os brasileiros, como no caso do Marquês de Caxias¹¹.

A *historiografia revisionista* criou o mito de Solano López como um líder anti-imperialista, que comandava um país extremamente avançado, livre da escravidão e do analfabetismo. O Paraguai passou a ser relatado como um país de desenvolvimento diferenciado em relação aos demais, já que não necessitava dos empréstimos concedidos pela Inglaterra para a sua modernização. Este processo revisionista iniciou-se no Paraguai, em fins do século XIX, sob o nome de *lopiismo*, e configura-se, até os dias atuais, como uma versão historiográfica bastante disseminada na América Latina. Principalmente no seu país de origem, onde o governo de Alfredo Stroessner a popularizou através de uma grande propaganda política, na qual o filme *Cerro Corá* (1978) possuía um papel de destaque.

A *versão revisionista* passou a ganhar força em fins de 1950 e pôs o imperialismo inglês como o grande culpado para a explosão da guerra. Segundo os autores revisionistas, receosa de que o desenvolvimento autônomo do Paraguai pudesse atrapalhar seus interesses na região, a Inglaterra uniu Brasil, Argentina e Uruguai em uma guerra contra o Paraguai e o tornou um país atrasado até os dias atuais. Ricardo Salles relata as características dessa corrente:

O Paraguai é apresentado como uma próspera república portadora de uma via original de desenvolvimento econômico e social. Desenvolvimento este que teria, por sua vez, como traço marcante, a resistência e independência em relação à penetração imperialista inglesa, que predominava no restante da região. No período imediatamente anterior e durante o conflito, à grandeza e ao heroísmo que caracterizavam a resistência paraguaia, são contrapostas a

¹¹ Luís Alves de Lima e Silva tomou-se Barão de Caxias em 1841, Visconde de Caxias em 1843, Conde de Caxias em 1845, Marquês de Caxias em 1852 e Duque de Caxias em 1869, após retornar dos campos de batalha.

subserviência em relação à Inglaterra, a tibieza e a mesquinhez do comportamento das forças da Tríplice Aliança (SALLES, 1990, p. 18).

Como dito, esse *revisionismo histórico* acerca da guerra surgiu no Paraguai, atendendo ao contexto histórico de fins do século XIX no país:

No final do século XIX, o Paraguai era um país paupérrimo do ponto de vista econômico, praticamente sem autoestima do passado e carente de heróis paradigmáticos. O Paraguai era apresentado como um país de déspotas e derrotado em uma guerra da qual fora o agressor. Ao mesmo tempo, despontava uma geração de estudantes universitários e secundaristas – poucos e concentrados em Assunção –, desejosos de construir uma sociedade melhor, mas sem encontrar um pensamento que, ao mesmo tempo, recuperasse a autoestima nacional e rompesse o sentimento de inferioridade em relação às outras nações, e apontasse para a superação da realidade miserável. Esses jovens necessitavam de heróis que encarnassem os valores, supostos ou verdadeiros, da nacionalidade paraguaia. A educação liberal oferecia-lhes quase que unicamente a denúncia do passado e dos “anti-heróis”, os três ditadores que governaram o país até 1870 (DORATIOTO, 2002, p. 80).

Doratioto prossegue, afirmando que:

Essas circunstâncias viabilizaram o nascimento, no Paraguai, do revisionismo histórico da figura de Solano López, também conhecido como lopizmo. Esse movimento buscou transformar a imagem de Solano López de ditador, responsável pelo desencadear de uma guerra desastrosa para seu país, em herói, vítima da agressão da Tríplice Aliança e sinônimo de coragem e patriotismo. O intelectual responsável pelo nascimento do revisionismo foi Juan Emiliano O’Leary que, por “recuperar” a memória do falecido ditador, passou a ser reconhecido por *El Reivindicador* (DORATIOTO, 2002, p. 80).

O mais curioso é que Juan O’Leary (1879-1969) – figura fundamental no que diz respeito à reconstrução da imagem de Solano López no Paraguai – é filho de Dolores Urdapilleta Caríssimo, acusada de traição durante a guerra e condenada ao desterro interno por Solano López. Isto já é um indício de que a exaltação de López estava atrelada a outros interesses. Em relação a isto, Francisco Doratioto completa: “Se o nascimento do revisionismo histórico lopizta preencheu um vazio ideológico no Paraguai, bem outro é o motivo real para se construir uma imagem heroica de Solano López” (DORATIOTO, 2002, p. 82).

O autor se refere à tentativa, por parte de Enrique Venancio Solano López, de reconquistar a posse das terras que sua mãe, a escocesa Elisa Lynch¹² (1835-1886) –

¹² De origem irlandesa, Elisa Alicia Lynch tornou-se uma das figuras mais importantes do Paraguai e, por conseguinte, da guerra. Alvo de grandes polêmicas, a companheira de Solano López foi fortemente criticada ao término do confronto. Entretanto, assim como o ocorrido com López, a figura de Elisa Lynch foi reconstruída. Em relação a isto, destaque para a repatriação dos seus restos mortais para o Paraguai, em 1961, durante o governo ditatorial de Stroessner.

companheira de Solano López desde 1853, quando se conheceram na França – havia se apropriado durante a guerra:

A busca do reconhecimento, por parte de Enrique Venancio Solano López, do direito de receber os bens de que seus pais se apropriaram durante a guerra, explica, em parte, a transformação da imagem de Francisco Solano López de tirano para herói. Relatório sobre a situação política do Paraguai, elaborado em 1931 pela Legação do Brasil em Assunção, lança luzes sobre o nascimento do revisionismo lopizta e explica a surpreendente transformação de O'Leary de crítico à panegirista de Solano López (DORATIOTO, 2002, p.84).

Estas duas correntes historiográficas foram contestadas pela chamada *nova história* ou *corrente neorrevisionista*, onde renomados historiadores iniciaram estudos mais aprofundados acerca do tema, trabalhando com diversos documentos referentes à guerra. Este movimento foi iniciado com o historiador brasileiro Luiz Alberto Moniz Bandeira (1985), que já na década de 1980, contestava a ideia de que a Guerra do Paraguai tenha sido feita para atender aos interesses da Inglaterra na região.

A *nova história* da Guerra do Paraguai também conta com os trabalhos de Ricardo Salles (1990), Leslie Bethell (1995), Vitor Izecksohn (1997), Alfredo da Mota Menezes (1998) e Francisco Doratioto (2002) como grandes marcos. Estes trabalhos são baseados em sólida documentação e foram capazes de inserir novas informações no debate acerca da guerra, tratando-a sob novos vieses. Esta abordagem deu novo sentido às causas do confronto, enxergando-o como um processo de disputas de interesses próprios da região, afastando a interpretação que via a Inglaterra como a controladora do conflito. Da mesma forma, esta corrente percebe que explicar a guerra a partir, apenas, dos ideais tirânicos de Solano López seria extremamente reducionista.

Apesar da contribuição já feita, percebe-se que a construção de uma *nova história* da Guerra do Paraguai é um processo muito recente, e que ainda existem espaços a serem preenchidos. O historiador José Murilo de Carvalho (2005) atenta para este fato ao citar um dos assuntos pouco debatidos sobre o tema:

Quase nada sabemos sobre as consequências da guerra para a cultura cívica nacional. [...] A traumática experiência deve ter alterado profundamente a ideia que tinham de Brasil e de pátria os sobreviventes, tanto aqueles que se apresentaram com entusiasmo no início, como voluntários como os muitos outros que mais tarde foram levados à força para o campo de batalha, tanto os livres como os libertos. Esse vasto campo foi apenas arranhado por alguns estudos, vários de natureza mais panfletária que acadêmica (CARVALHO, 2005, p. 183).

Por fim, é importante ressaltar que a existência de uma determinada corrente historiográfica não anula nem exclui a postulada anteriormente. Elas se cruzam, o que

torna ainda mais complicado o trabalho de um historiador que se propõe a estudar o tema, pois discerni-las configura-se como algo minucioso. Além disso, perceber como estas correntes podem ser reproduzidas por determinadas produções cinematográficas torna-se primordial para um trabalho que possui a Guerra do Paraguai como um dos temas centrais. O objetivo portanto deste trabalho é mostrar que o filme *Cerro Corá* possui um papel primordial dentro do processo de consolidação do *revisionismo histórico* acerca daquele confronto.

O revisionismo histórico paraguaio: reprodução e disseminação em *Cerro Corá* (1978)

Se o *revisionismo histórico* acerca da guerra, fora do Paraguai, foi utilizado por grupos sul-americanos de esquerda, que visavam atacar a estrutura dos regimes ditatoriais chefiados por líderes militares que dominavam seus respectivos países durante as décadas de 1960 e 1970, bem diferente foi sua função no país levado à guerra por Solano López.

Tendo em vista a tríade de forças – Governo, Forças Armadas e Partido Colorado – empreendido pela ditadura de Stroessner, o *revisionismo histórico* paraguaio serviu a um modelo de legitimação e fortalecimento deste regime. Assim, o filme *Cerro Corá*, com todo o potencial que o cinema possui, tornou-se uma peça chave para o processo de monumentalização da Guerra do Paraguai, oferecendo ao governo do general Stroessner um disseminador dos ideais presente no *revisionismo histórico* paraguaio. O historiador Francisco Doratioto faz uma importante citação em relação a este fato:

A visão maniqueísta e mistificadora de Solano López também interessava ao oficialismo paraguaio sob a ditadura de Stroessner. Solano López na condição de vítima de uma conspiração internacional, que preferiu morrer a ceder às pressões externas, conferiu um caráter épico para as origens do “coloradismo” (DORATIOTO, 2002, p. 88).

O Partido Colorado foi fundado no ano de 1887, por Bernadino Caballero (1839-1912), um ex-combatente da Guerra do Paraguai, companheiro de Solano López durante o intenso conflito. No cerne da fundação do partido, que dominou o cenário político paraguaio por mais de 60 anos, a figura do presidente paraguaio durante a

guerra emerge, servindo de modelo para inúmeros governos posteriores, até mesmo os não colorados, como o dos militares Rafael Franco¹³ (1936-1937) e Higinio Morinino (1940-1948).

A autora argentina Liliana Brezzo tece importantes contribuições acerca do surgimento do revisionismo histórico no Paraguai, tal como sua íntima ligação ao Partido Colorado:

É também entre fins do século XIX e início do XX quando no Paraguai começaram a se manifestar pequenos impulsos por oferecer uma construção intelectual diferente, pressagiando o complexo caminho que viveria durante o século XX. Começaram a ser publicados em Assunção os periódicos *La Patria*, que, orientado por Enrique Solano López, fazia a reivindicação da memória de seu pai, e *El Tiempo*, em que escreviam Ignacio Pane, Juan O'Leary e Manuel Domínguez, que iriam articulando uma leitura alternativa do passado centrada na exaltação da figura do Marechal López e que se alimentava na derrota sofrida na Guerra Grande. Esta campanha revisionista contou com a adesão de muitos filiados do Partido Colorado, como Juan Natalino Gonzalez, e, inclusive atraiu intelectuais identificados com o Partido Liberal, como Juan Pastor Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde e Anselmo Jover Peralta, que se uniram para formar o que passaria a ser chamado de *lopizmo*. No início da segunda década do século XX, a Guerra Grande e o mito guerreiro que encarnava Francisco Solano López – ainda sendo reprimido no âmbito acadêmico e entre o público culto – demonstrava haver sobrevivido na memória de boa parte da sociedade paraguaia, sobretudo nos setores populares (BREZZO, 2005, pp. 282-283, tradução nossa¹⁴).

Como dito anteriormente, o historiador paraguaio Juan Emiliano O'Leary foi um dos grandes autores deste revisionismo. Algumas de suas principais obras tinham como tema central a Guerra do Paraguai e Solano López. A exaltação das manobras políticas do presidente paraguaio é a maior marca dos seus textos:

Assim, meio século¹⁵ depois de sucumbir à sua última batalha, embora os vencedores tenham ficado em pé para a última palavra, impondo à história seu critério, com o irrefutável argumento do êxito, sua personalidade não

¹³ Rafael Franco estabeleceu o dia 1º de março – dia da morte de Solano López em 1870 – como feriado nacional e declarou-o herói máximo.

¹⁴ “Es también en los años entre siglos cuando en Paraguay principian a manifestarse recatados impulsos por ofrecer un construcción intelectual diferente, presagiando el complejo derrotero que viviría durante el siglo XX. Comenzaron a publicarse en Asunción los periódicos *La Patria*, orientado por Enrique Solano López y Manuel Domínguez, quienes irían articulando una lectura alternativa del pasado nacional centrada en la exaltación de la figura del Mariscal López y que se alimentaba en la derrota sufrida en la Guerra Grande. Esta campaña revisionista contó con la adhesión de muchos afiliados al flamante Partido Colorado, como Juan Natalicio González, e incluso atrajo a intelectuales identificados con el Partido Liberal, como Justo Pastor Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde y Anselmo Jover Peralta, que se unirían para conformar lo que pasaría a denominarse *lopizmo*. Al comenzar la segunda década del siglo, la Guerra Grande y el mito guerrero que encarnaba Francisco Solano López – aún siendo reprimido en el ámbito académico y entre el público culto – demostraba haber sobrevivido en la memoria de buena parte de la sociedad paraguaya, sobre todo entre sus sectores populares.”

¹⁵ A primeira edição deste livro é de 1920.

desapareceu entre as sombras da derrota (O'LEARY, 1970, p. 10, tradução nossa¹⁶).

Liliana Brezzo destaca algo fundamental acerca do movimento historiográfico no Paraguai:

A guerra teve ainda mais importância para o Paraguai não só pelas tremendas consequências econômicas e sociais [...] porque produziu um dos seus maiores movimentos historiográficos e uma verdadeira polarização bibliográfica em detrimento da investigação de outros processos, convertendo-se no centro nervoso de toda a história nacional (BREZZO, 2005, p. 298, tradução nossa¹⁷).

A instrumentalização do passado paraguaio, levada a cabo pelo regime de Stroessner visava legitimar seu governo, reproduzindo um *revisionismo histórico* pautado na exaltação de um dos maiores, senão o maior, líder da história do Paraguai, uma peça chave para o nacionalismo do país, o Marechal Solano López. Embora iniciada – como mostrado anteriormente – a partir de interesses financeiros, o *revisionismo histórico* paraguaio se disseminou com muita força no país, servindo como uma importante base legitimadora do governo ditatorial de Alfredo Stroessner.

Dentro desta perspectiva, o filme *Cerro Corá* tornou-se fundamental para a exaltação e para a disseminação do *revisionismo histórico* paraguaio. O cinema, como expõe Robert Rosenstone, possui a capacidade de influenciar decisivamente a forma como as pessoas se relacionam com o passado: “Os filmes históricos, mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afetam a maneira como vemos o passado” (ROSENSTONE, 2010, p. 18).

É fundamental perceber como o filme explica o início da guerra, sem citar, em nenhum momento, a influência inglesa na região, distanciando-se, desta forma, de um pilar básico da *corrente revisionista* em países como o Brasil e a Argentina. Porém, *Cerro Corá*, ao buscar explicações para a eclosão do conflito, irá apresentar um Paraguai inocente, que buscava apenas manter sua própria independência, e em total respeito à dos demais países vizinhos. De uma forma única na história do Paraguai, *Cerro Corá* propagou, e com muita força, um *revisionismo* acerca da guerra que vinha em curso no país desde fins do século XIX.

¹⁶ “Es así como medio siglo después de sucumbir sobre su último campo de batalla, a pesar de que los vencedores quedaron en pie para decir la última palabra, imponiendo a la historia su criterio con el irrefutable argumento del éxito, su personalidad no ha desaparecido entre las sombras de la derrota”.

¹⁷ “La guerra tuvo acaso más importancia para el Paraguay no sólo por las tremendas consecuencias económicas y sociales (...) porque produjo uno de sus más vastos movimientos historiográficos y una verdadera polarización bibliográfica en detrimento de la investigación de otros procesos convirtiéndose en el centro nervioso de toda la historia nacional.”

O filme expõe os esforços de guerra empreendidos pelos paraguaios e o papel onipresente de Solano López no que diz respeito ao comando das tropas e do país. Nesta estrutura, o filme destaca como acontecimentos principais: a visita do embaixador norte americano ao país antes da guerra, o encontro de López com Bartolomeu Mitre, presidente argentino entre 1862 e 1868, e as batalhas de Curupaiti (1866), Piribebui (1869) e Cerro Corá (1870).

A abertura de *Cerro Corá* é bem significativa, e já expõe o que o filme estava disposto a fazer: “O filme é uma mensagem do governo e povo paraguaios em prol da compreensão das nações em paz e harmonia, ao demonstrar que as guerras não conquistam a livre determinação dos povos, ideal sublime que conduziu o Marechal Francisco Solano López ao seu épico final” (CERRO CORÁ, 1978, 01min.).

A exaltação da figura de Solano López como um grande líder é a representação mais forte no filme *Cerro Corá*. López¹⁸ é apresentado como um homem que quis, de qualquer maneira, garantir a autonomia dos países latino-americanos frente à qualquer tentativa de destruir tais independências. Atrelada à exaltação da figura de Solano López aparece outra característica muito importante do filme: a exaltação da coragem do povo paraguaio, que sofreu, junto com o seu líder, com as atitudes covardes dos países aliados. Nesta ação, as mulheres possuem um papel de destaque, seus esforços em defender a pátria são apresentados numa forma de agradecimento. Quanto à isto, deve-se levar em conta que grande parte da população masculina paraguaia faleceu durante o conflito¹⁹, logo, coube à elas a função de reerguer o país, fato exaltado até os dias atuais no Paraguai.

A Batalha de Curupaiti, ocorrida em 1866, possui um papel de destaque por representar a maior vitória paraguaia na guerra, abrindo assim a brecha para que as ações de Solano López possam ser vistas como fruto de um conhecimento militar avançado, pautado em grandes estratégias de combate. Entretanto, levar seu país a guerra evidencia o quão não estratégicas eram as ações de Solano López:

¹⁸ Solano López também é chamado de López II, devido ao seu pai, Carlos López. Para este trabalho esta distinção não se faz necessária – López se refere a Solano.

¹⁹ Esta é uma das questões mais polêmicas da guerra e explicita o quão difícil é trabalhar com o tema. Os números variam, chegando a apresentar diferenças exorbitantes, isto se deve à falta de dados confiáveis acerca do tamanho da população paraguaia antes da guerra. O historiador brasileiro Francisco Doratioto faz um balanço dos números apresentados por autores e sua pesquisa estipula que a população Paraguai antes do confronto girava em torno dos 450 mil habitantes, havendo uma redução de 60% a 69% com a guerra. Algo bem distinto do apresentado por Chiavenatto, que desenvolve a tese de que a população paraguaia girava em torno de 800 mil pessoas e que ao término da guerra, apenas 194 mil habitantes, sendo estes na maioria mulheres e crianças com menos de 10 anos. Ou seja, segundo ele, 96,50% da população masculina do Paraguai foi morta com o confronto.

Dos erros de análise dos homens de Estado envolvidos nesses acontecimentos, o que maior consequência teve foi o de Solano López, pois seu país viu-se arrasado materialmente no final da guerra. E, recorde-se, foi ele o agressor, ao iniciar a guerra com o Brasil e, em seguida, com a Argentina (DORATIOTO, 2002, p. 96).

O Paraguai de Solano López buscava realizar uma “guerra relâmpago”, utilizando-se do fator surpresa para impor grandes derrotas ao Brasil e à Argentina, porém, o apoio esperado por López não veio e o país ficou sozinho no Prata, agora tendo que enfrentar três inimigos. Em relação à isto, Doratioto afirma:

O plano, porém, foi frustrado por um conjunto de fatores. As forças invasoras de Corrientes e do Rio Grande do Sul não se adequaram corretamente do fator surpresa; os blancos saíram do poder no Uruguai e, em Corrientes e Entre Rios, a população não aderiu à força invasora (DORATIOTO, 2002, p. 97).

A comparação de *Cerro Corá* (1978) com o filme brasileiro *Independência ou morte*, dirigido por Carlos Coimbra, e lançado no ano de 1972, é bastante plausível. A tentativa de criar uma reconstituição histórica que exalte personagens numa perspectiva extremamente nacionalista e que reproduza uma determinada corrente historiográfica – a revisionista acerca da guerra para o Paraguai e a tradicional acerca da independência para o Brasil – está presente nas duas produções. Porém, *Cerro Corá* atende ainda mais a um projeto político, baseado na reconstrução de um acontecimento primordial para a história do país, e que, alguns anos antes, queria ser esquecido por sua população devido à grande humilhação que representava.

Neste ponto entram alguns aspectos que dizem respeito à relação entre história e memória. De acordo com Andreas Huyssen, partindo dos ideais de Paul Ricoeur: “Existe uma política de esquecimento público que difere daquele que conhecemos simplesmente como repressão, negação ou evasão” (HUYSEN, 2004, p.3).

Partindo do conceito de que toda memória carrega, implicitamente, um esquecimento, torna-se fundamental perceber alguns aspectos primordiais da Guerra do Paraguai e que foram negligenciados pelo filme *Cerro Corá*.

Um discurso do esquecimento pode ser construído a partir do não dito, como no caso de *Cerro Corá* (1978), onde muitos dos acontecimentos – basicamente os que pudessem apresentar Solano López como um perverso e tirano – foram deixados de lado, em troca de batalhas e acontecimentos que retratassem um lado positivo do

presidente paraguaio. Em nenhum momento o filme aponta o início do conflito a partir das ações promovidas por López. Pelo contrário, o presidente paraguaio, tenta, de todas as formas, evitar a guerra.

Em relação à isto, Michael Pollak faz uma importante afirmação:

Conforme as circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (POLLAK, 1989, p. 8).

As estratégias de combate de Solano López são destacadas no filme, sua apresentação como um grande comandante e líder estrategista é extremamente forte e perceptível durante as ações da batalha de Curupaiti:



Solano López traça a rota das tropas paraguaias durante a batalha de Curupaiti, grande vitória paraguaia na guerra (CERRO CORÁ, 1978, 45min47s.).

O traje oficial, utilizado por Francisco Solano López durante todo o filme, realça o seu papel de liderança. Ligado a isto está a constante aparição da bandeira paraguaia, numa clara alusão à defesa dos interesses nacionais paraguaios por parte de López. Na cena acima, o presidente paraguaio se encontra em seu gabinete, onde, por sinal, durante o filme, todos os assuntos relevantes para o país são discutidos.

Como mostrado, há um grande destaque para o papel decisivo de Solano López na vitória paraguaia na batalha de Curupaiti (1866). Porém, nem só de vitórias o filme é composto. O incêndio ao hospital de Piribebui (1869) e a batalha de Cerro Corá

(1870) – marcada pela morte do grande líder – ganham destaque, demonstrando, com contornos épicos, a resistência dos paraguaios perante a covardia dos países aliados.

O incêndio ao hospital de Piribebui revela a crueldade dos exércitos aliados, representados pela figura do Conde d’Eu²⁰ (1842-1922), que, ao mandar incendiar esta localidade matou dezenas de enfermos, além de mulheres e crianças, que cuidavam dos doentes.

A batalha de Cerro Corá, sem dúvida, é uma das mais marcantes do conflito. Nela, Francisco Solano López foi morto, pondo-se fim à guerra. Uma das últimas cenas do filme transmite a ideia de que com a morte de Solano López o Paraguai perderia um grande líder. Mesmo cercado pelas tropas aliadas, o presidente paraguaio não se rende, deixando claro que lutaria até o fim pela hegemonia do seu país.



Solano López nega sua rendição, prefere morrer por seu país:
“Muerdo por mi pátria!” (CERRO CORÁ, 1978, 01h10min55s.).

O incêndio de Piribebui e a batalha de Cerro Corá, embora representem derrotas para o exército paraguaio, tornam-se relevantes tendo em vista o contexto histórico paraguaio do governo Stroessner, a partir do momento em que se caracterizam por expor a luta dos paraguaios pela defesa da pátria e por apresentarem a figura de liderança exercida por López durante todo o confronto.

²⁰ Em 1869, Marquês de Caxias retirou-se dos campos de batalha. Há duas versões para tal feito; a primeira corresponde a supostos problemas de saúde do comandante brasileiro e a segunda, mais aceita, afirma que Caxias negou-se a continuar na guerra após a tomada de Assunção, não vendo mais propósito para tal. Luis Filipe Gastão de Orléans, o Conde d’Eu, assumiu o comando das tropas aliadas até o final do confronto.

Vale ressaltar o quanto o filme *Cerro Corá* (1978) tentou ser fiel aos retratos de Solano López e de Elisa Lynch:



Solano López na ficção (CERRO CORÁ, 1978, 27min10s.)
e em pintura (CANCOGNI; BORIS, 1975, capa.).



Elisa Lynch na ficção (CERRO CORÁ, 1978, 30min46s.)
e em fotografia (LILLIS; FANNING, 2009, p. 92.).

A imagem de Solano López como um líder estrategista e como um comandante da nação, em tempos onde o amor à pátria e a defesa da soberania nacional eram marcantes, corrobora as características fundamentais do governo Stroessner, baseado num nacionalismo exacerbado. Vale ressaltar a importância que o filme *Cerro Corá* continua possuindo atualmente para os paraguaios. A exibição desta obra marca inúmeras comemorações no país e fora dele, como mostra o cartaz abaixo:



Convite para a exibição de *Cerro Corá* para imigrantes paraguaios em Nova York, em homenagem ao bicentenário de independência paraguaia, em 2011.

Conclusão

Se a Guerra do Paraguai (1864-1870) é considerada, por inúmeros historiadores, um tema extremamente polêmico, a figura de Solano López tornou-se a representação de todo este debate. Ele foi o grande personagem do confronto, suas ações permanecem dividindo a opinião de historiadores que se debruçam sobre o tema.

Como mostrado, a Guerra do Paraguai agitou a historiografia dos países nela envolvidos. Discursos panfletários e repletos de juízos de valor foram marcas registradas de determinadas interpretações. Próximo da realidade, o cinema não ficou de fora deste debate, trazendo à tona determinados acontecimentos e personagens do conflito e tornando-se fundamental para a propagação de determinados ideais.

O filme financiado pelo regime de Alfredo Stroessner tornou-se um instrumento fundamental para a disseminação de uma matriz historiográfica – a *revisionista* – tipicamente paraguaia. *Cerro Corá* (1978) tornou-se uma das maiores produções cinematográficas de seu país, ajudando, além de reproduzir a *corrente revisionista* acerca da guerra, a influenciar o modo como o confronto é enxergado até os dias atuais no Paraguai.

EL REVISIONISMO HISTÓRICO SOBRE LA GUERRA DEL PARAGUAY EN EL CINE PARAGUAYO: REPRODUCCIÓN Y DIFUSIÓN

Resumen: La presente investigación pretende promover un análisis del movimiento historiográfico paraguayo sobre la Guerra del Paraguay (1864-1870) e su estrecha relación con el cine del país. Así, el foco para el análisis es la película *Cerro Corá*, dirigida por Guillermo Vera, lanzada en 1978, y financiada por el régimen de Alfredo Stroessner. El revisionismo histórico paraguayo sobre el conflicto llevó a cabo un proceso de rehabilitación del Mariscal Solano López, convirtiéndolo en un gran líder antiimperialista. Durante el régimen dictatorial presidido por el General Alfredo Stroessner este proceso alcanzó su punto álgido, viendo en la producción cinematográfica *Cerro Corá* un gran propagador de sus ideales.

Palabras clave: Guerra del Paraguay, cine, revisionismo histórico.

REFERÊNCIAS

BREZZO, Liliana M. *Aislamiento, nación e historia en el Río de la Plata: Argentina y Paraguay. Siglos XVIII-XX*. Rosario: Universidad Católica Argentina, 2005.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos estados da Bacia do Prata*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

CANCOGNI, Manlio, BORIS, Ivan. *Solano López: O Napoleão do Prata*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 260 p.

CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 222 p.

CERRO corá. *Produção de Ladislao González*. Direção de Guillermo Vera. Paraguai. Ministério de Hacienda, 1978. (2003) Color. 35 mm. (2D digital). Espanhol. 115 min.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341 p.

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DE MARCO, Miguel Angel. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Planeta, 1995. 351 p.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1934. 264 p.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. 392 p.

HUYSSSEN, Andreas. *Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público*. Porto Alegre, 2004.

IZECKSOHN, Vitor. *O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.

_____. *A Guerra do Paraguai*. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo.(orgs.) O Brasil Imperial. Volume 2: 1831-1870 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

LILLIS, Michael; FANNING, Ronan. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Saraiva, 2009.

LÓPEZ, Miguel H. “Stroessner e “Eu”: a cumplicidade social com a ditadura (1954-1989)” In: ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz. (orgs.) *A construção Social dos Regimes Autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX Brasil e América Latina. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2010.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: História e Historiografia. In: MARQUES, Maria Eduardo Castro Magalhães. (org.). *A Guerra do Paraguai 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. 229 p.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1998. 174 p.

_____. O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata – *Argentina, Uruguai e Paraguai*: da colonização à Guerra da Tríplice Aliança. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985. 291 p.

NÓVOA, Jorge, BARROS, José D’Assunção (orgs.) *Cinema-História: teoria e representações sociais no cinema*. 2.ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. 328 p.

O’LEARY, Juan Emiliano. *El Mariscal Solano López*. 3.ed.Assunção: Casa América – Moreno Hnos. 1970. 452 p.

PAREDES, Roberto. *Stroessner y el stronismo*. Servilibro: Asunción, Paraguay. 2004.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Poder das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda, 2012. 699 p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.

POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1981.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 262 p.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 165 p.

TAUNAY, Visconde de. *A Retirada da Laguna*. Brasília: Senado Federal, 2011. 175 p.

SOBRE O AUTOR

Fábio Ribeiro de Sousa – mestrando em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recebido em 30/06/2013

Aceito em 20/07/2013